

### ARREDISTAS

Entrevista a Antom Santamarinha, um dos fundadores das Mocidades Galeguistas em Bons Aires e participante entusiasta das inúmeras iniciativas que oxigenavam, a milhares de quilómetros, umha Terra postergada.

### CRIAÇOM

Lorena Souto nasceu no concelho do Páramo, ainda que mora na cidade de Compostela. As evidências materiais da sua atividade literária podem rastrear-se polo de agora em diversas publicações periódicas, mas também tem jogado a praticar a arte do efémero através de recitais, performances artísticas e outras intervenções poéticas na realidade.

### JOÃO PEDRO RODRIGUES

Francesco Traficante achega-nos este mês o filme *Morrer como um homem* (João Pedro Rodrigues, 2009), projetado na última edição do Cineuropa de Compostela. O cineasta apresenta-nos a vida de Tónia, umha travesti, com umha sensibilidade e respeito para este coletivo tam marginalizado socialmente poucas vezes visto no cinema, onde normalmente se nos apresenta umha imagem mais espectacularizada e tópica.

## TEMPOS MODERNOS

# Aniquilação como povo: Gaitistas, auto-ódio, colonização e substituição

Bernardo Máiz Bar

O desenvolvimento da globalização cultural trouxe instrumentos e modelos estéticos que pouco ou nada têm a ver com nós. Modas, complexos, auto-ódio e sobretudo colonização cultural figêrom com que hoje podamos ver alterações, na sua maioria de tipo estético, na gaita galega e na representação que a envolve. Como principal exemplo disto temos a aparição da modalidade de gaita “marciana” que copia a estética da escocesa, utilizada na Galiza polas bandas de gaitas próximas do nacionalismo espanhol governante. Cumpre assinalar que este tipo de gaita nom fornece nengumha melhora musical ao instrumento, mais bem ao contrário; das alterações o único objetivo evidente é dar aparência de marcialidade. Este tipo de gaita tem como principal característica a utilização de três roncós sobre o ombreiro e os seus inventores dam-lhe o nome de gaita galega.

Quando falamos de gaita galega, tomamos como referência, como é lógico, a imensa maioria das gaitas



Relevo de Redondela com gaiteiro do ano 1641

que existem no país e também a imensa maioria das gaitas que temos constância que existírom na nossa história, nom rarezas ou casualidades. Evidentemente, existem gaitas diferentes às características comuns, como por exemplo as gaitas de barquim, que é bom conhecer mas para nada é representativo da modalidade de “gaita estándar galega” (Xesus Vaamonde Manteiga, 2001).

No tocante ao número de roncós,

já o cancionero de Casto Sampedro (Barrié de La Maza, 1942) nos fai umha explicação do instrumento e nos di que todas, absolutamente todas as gaitas têm um ronco que cai por riba do ombro do gaiteiro. Só há que ver as fotos de começos de século para ter mais umha evidência do fenómeno observado por Casto Sampedro. Mas se voltarmos a vista atrás, a distribuição é também a mesma na imensa maioria dos desenhos e relevos anteriores à invenção da fotografia, como por exemplo as miniaturas das Cantigas de Santa Maria, cancionero medieval do século XII.

### Gaitistas e gaiteiros

Ao mesmo tempo que está em crise o espaço físico onde se fai música tradicional e os seus instrumentos por mor da “subtil” perseguição institucional ou pola falta de reconhecimento social, também está em crise a figura da gaiteira frente à do gaitista.

Raul Galego fala de gaitista para denominar o músico instrumentista que toca a gaita como um instrumento mais, como um instrumento com que dar notas, mas dissociando

dele o seu valor histórico, social e cultural. E para falar do músico que está ciente do que tem nas mãos quando pega numha gaita, do músico que sabe que está a fazer parte dumha cultura, identidade e sociedade cada vez que toca o instrumento, emprega o termo gaiteiro.

A gaiteira é aquela pessoa que tem um compromisso com a sua comunidade. Muitas vezes tem que tocar sem que lhe apeteça muito ou sem que se verifiquem as condições ideais para que soe bem: por exemplo, há um magusto e vai frio para que a gaita soe bem, mas ele toca; ou há umha concentração de vizinhos para frear um recheio na beira do mar ou umha estrada que vai passar por riba dumha fraga, ele vai e toca. Que numha destas circunstâncias sem querê-lo tem que tocar algo desafinado, o gaiteiro, se lhe pedem que toque, sabe que por convicção, em função do rol social que tem que cumprir, toca e tenta fazê-lo o melhor que pode.

Mas a gaiteira também tem que saber recusar-se a tocar se nom se dam as condições mínimas de respeito à nossa música: Que numha festa todos os grupos cobram excepto o grupo de gaitas, ele nom toca;

ou quando lhe pidam que toque de más maneiras, nom toca, porque umha gaiteira nom é um disco. A música é umha arte e nom umha ciência, e por isso é tam importante o coração como a razão.

Outra diferença entre os gaitistas e gaiteiros é aquela relacionada com a interpretação. O músico que pega numha gaita decata-se asinha que a dificuldade principal nom está no ponteiro mas no fole, a bolsa de ar, já que, se nom mantivermos perfeitamente constante a pressão que lhe exercemos, acabaremos desafinando e, portanto, prejudicando a expressão e a transmissão do sentimento. Os gaitistas muitas vezes som perfeitamente técnicos mas quando apanham o instrumento nom fam mais do ginástica com ele. É melhor umha gaiteira bem afinada tocando umha melodia simples bem interpretada que um gaitista fazendo maravilhas desafinado.

E, para finalizar, umha outra diferença entre a gaiteira e o gaitista, é que habitualmente o gaiteiro fala em galego e a gaitista em castelhano.

Portanto, como instrumento representativo que é e como signo de identidade dum povo, o músico encarregado de tocar a gaita tem de pensar que tem nas suas mãos algo mais do que um instrumento para fazer música. Quando umha gaiteira pega numha gaita está a pegar numha parte dum povo, um sentimento, o símbolo de toda umha cultura.



## ENTREVISTA

ANTOM SANTAMARINHA DELGADO, FUNDADOR DAS MOCIDADES GALEGUISTAS DE BONS AIRES

# “Na Argentina, transformamos umha querença difusa por Galiza numha posiçom arredista”

Antom Santos

**É** conhecida a achega da comunidade emigrante, em todos os campos, à construçom nacional galega desde o século XIX. Menos se tem reparado, porém, na decantaçom arredista de parte do asso-

ciativismo além mar, e do contributo juvenil para as posiçoms mais avançadas. Um dos protagonistas desta linha foi Antom Santamarinha Delgado, fundador das Mocidades Galeguistas de Bons Aires na década de

50, e participante entusiasta das inúmeras iniciativas que oxigenavam, a milhares de quilómetros, umha Terra postergada. Médio século depois, lembramos com Antom aquele reverdecer juvenil.

**Como começa o teu compromisso?**

É umha cousa progressiva, nom há um momento determinado. Eu nasço em Melilha, porque meu pai era militar, e instalo-me na Crunha de menino. Por umha banda, adquiero consciência porque meu pai é republicano e, como tal, padecer repressom ao triunfar o golpe. Eu daquela tinha oito anos, e lembro mui bem as visitas a meu pai na cadeia do Castelo de Santo Antom. Também, durante a primeira pós-guerra, sou enviado a casa dos meus avós, a Guitiriz, e lá entro em contacto com o mundo rural, as tradiçoms, a língua galega...que eu nom conhecia tam diretamente, pois fora educado em espanhol.

**E na Crunha dos anos 40 ou 50, que vias podia ter um moço para adquirir certa consciência?**

Poucas. Eu lembro daquela a penúria material da pós-guerra, lembro que meu pai nom podia encontrar trabalho pola famosa 'Lei de Responsabilidades Políticas'. Eu o que tinha eram certas inquedanças culturais: o bibliotecário do meu liceu, o Eusébio da Guarda, permitia-nos olhar nos fundos, e quando se relaxava o controlo, procurávamos nos livros 'pouco habituais'. Também recordo um certo papel das associaçoms folclóricas, como Follas Novas. Numha ocasiom, no Teatro Rosalia, o público protestou abertamente porque nom se fechava o ato com o hino galego, e ao final conseguiu-se que se interpretasse. Isto foi a inícios dos anos 50. Nesses anos começo as minhas primeiras colaboraçoms com a imprensa sobre temas históricos e culturais, sempre com a Galiza de fundo.

**Depois vem a tua marcha à emigraçom...**

Vem, sim. Sigo os passos do meu pai e da minha irmã, vou-me triste, com um amor à Galiza e à Crunha, mas ainda sem formular politicamente. Daquela ali sobrava o emprego, eu ia com o meu título de Magistério, e emprego-me de administrativo numha empresa de produtos lácteos.



**Todos os emigrantes consciencializados falam da importância do Centro Galego.**

Claro, claro. Eu vivia a sete 'quadradas' do prédio. Começo a frequentar a biblioteca, dirigida por Luís Ares. Este foi o meu mestre, e o mestre de todos nós. Era betanceiro, fora membro da 'Pondal', e dirigia mui bem os interesses dos moços que frequentávamos a biblioteca, dando-nos livros dos clássicos, que se Rosalia, que se Curros. Com ele conhecemos a nossa história, a história das Irmandades...havia aquela fraternidade, o tratamento entre nós era de "irmaos".

**Quando concretades o projeto das Mocidades?**

Precisamente, a pedido de Ares, que fai a proposta de nos reunir. Éramos arredor de quinze moços e moças, que nos vemos numha junta no Centro Ourenzano. Ali estava Neira Vilas, Moreda, os filhos de Abraira, as filhas de Ares...e claro, escolhemos o Centro Ourenzano porque esse era o local onde se reunia a Irmandade Galega e nós, dumha maneira ou outra, éramos as suas juventudes. Depois reclamamos mais autonomia com a

Irmandade, mas no fundo éramos isso, as sua seçom juvenil.

**Abraçades entom o arredismo?**

Si, sem dúvida. Porque as nossas influências eram dos homens da Pondal, os que ficavam, que daquela teriam entre 40 e 50 anos. Lemos Castelao também, Castelao é outra influência importante, mas nós remarcávamos o nosso arredismo.

**Que relaçoms havia com o resto da comunidade galega?**

Em geral boas. A mim, por exemplo, as Mocidades mandam-me a participar na Federaçom de Sociedades Galegas, com umha influência importante dos comunistas, e nesse ambiente, daquela baixo a influência da URSS, havia essa compreensom pola soberania dos povos, as repúblicas confederadas. E nós, nas Mocidades, sem adscriçom mui concreta, éramos gente de esquerdas, progressista, assim que nom tinha por que haver problema. Outra cousa eram os galegos despolitizados, que eram muitos. Em geral gente mui humilde, do rural, sem inquedanças, e para tratar com eles precisavas de falar outra linguagem, nom meter-te em grandes termos...

**E mantíhades discussoms com o resto de galeguistas?**

Nom, a relaçom era fraterna. Ora, com essa distinçom, que eles na sua maioria eram federalistas, e diziam aquilo de "nós somos galegos e espanhóis", cousa que para nós nom era concebível. Lembro, como anedota, o Congresso da Emigraçom Galega de 1956, um acto precioso, multitudinário, onde se comemoravam os cem anos do Banquete de Conxo. Pois no meio do discurso de Suárez Picalho, vai um dos filhos de Abraira e berra: "morra Espanha!". Imagina-te, na sala um silêncio sepulcral. Entom Picalho para, dá-se a volta, bebe um copo de água e diz: "ouvimos algo de 'morra'. Pobre o povo que precise da morte de outro para ele viver".

**Qual era a vossa actividade principal?**

Sobretudo estar nos centros galegos, organizar festas, fomentar a nossa cultura. E depois responder às aldragens contra os galegos, que eram muitas: burlas aos galegos na imprensa argentina, interpretaçom do 'Cara al Sol' nalgum centro galego, como o lucense...organizávamos boicotes e repartíamos propaganda.

**Algun de vós, como Moreda, decide-se a vir lutar à Terra.**

Sim, Moreda sim. Mas foi umha decisom mui pessoal, dele. Lembro que me comentara a ideia e eu, estando de acordo, digem-lhe: "tem tino Antom, porque estás fichado, eles sabem que vinheche para aqui, vam saber porque voltas à Galiza, vam ter-te mui controlado". Ele tinha-o claro e foi alô.

**Depois as Mocidades esmorecem. Por que razom?**

Pois pola vida que leva cada quem. A finais dos 50 ou começos dos 60, a gente vai-se metendo na sua vida laboral, em responsabilidades familiares, filhos...e muitos das Mocidades eram filhos de galegos, e galegos de coraçom, mas já eram argentinos. E outros continuamos a nossa atividade noutros campos, escrevendo livros, colaborando em programas de rádio, dando cursos de galego reintegrado, em colaboraçom com Higínio Martins...

**Muitos anos depois vem a tua volta à Terra. Que sensaçoms experimentas?**

Ambíguas. Começava a década de 80, levava quase 30 na Argentina. Nom topei a Galiza ideal, senom a Galiza real. Começo a trabalhar numha editorial, e o primeiro que me chama a atençom é o recuar da língua. Volto a Monte Alto, o meu bairro, que era umha aldeia galega nos 40, e topo-me um bairro urbano e espanholizado. Depois cumpro um dos meus sonhos e compro umha casa na aldeia.

Vaia decepçom ao ver os velhos educar os filhos em espanhol! Tanto me afetou que a revendi, e dixem "volto para Crunha". E desde entom aqui estou. Nom me podó queixar de como evolucinou a economia, no que a mim respeitá, a mim e a minha dona foi-nos bem. Mas a atitude com a identidade, a cultura, o idioma, desastrosos. Isto fijo-me céptico com o futuro da Galiza.



# A MAO

Foto: Xela Rodríguez / Texto: Xoán S. Pazos

Nom existe diferença entre a textura da mao e a da madeira, quíçais porque som a mesma carne, a mesma alma e a mesma voz.

E é que foi o trabalho quem fijo que nas maos ficassem cinzeladas as enrugas do carvalho, do mesmo jeito que a terra gravou a lume na madeira a essência da Galiza.

## CRIAÇOM

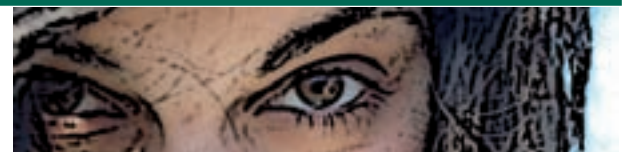
No polo oposto das construçoms faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadei-

ro ativo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com cada novo número achegamos un texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para [literaria@novasgz.com](mailto:literaria@novasgz.com).

**L**orena Souto joga a praticar a arte do efémero através de recitais, performances artísticas e outras intervençoms poéticas

na realidade. Este mês, coincidindo com o aniversário da secçom, a escritora do Páramo devolve-nos à poesia.



# auga doce e lama // território habitável

por Lorena Souto

Quando a trovoadá agita tanto as árbores que as polas se che enredam nas veias, tu desejas que a cidade venha e te engula.  
Um ventre anónimo que te engendre de novo.  
Onde os apartados de correios soletram mil nomes que podam acair-che.

I

Nada de diferente nos dedos do vento.

As palabras que fôrom criadas para ti e que te afogam, jogos que som entrada e começo doutros espaços fechados, as referências mortas que te identificam nos seus mapas.

Sabes das extremas que herdás dos teus avós, a posiçom exacta do que delimita o território habitável e moves-te com medo dentro do teu próprio ataúde, coa mesma precauçom duns pés descalços na noite.

O tempo passa, dim.

Mas nom se move nada.  
E já nom sabes se o medo vem de fora ou de dentro se nasce da tua gorja ou se introduziu furtivamente como o fai umha argana.

Deve de haver meses que as horas nom correm, aqui.

Sabe-lo.

As poças enchem-se de auga doce e lama de repetiçoms no silêncio de línguas que mordem em ti.  
A tranquilidade volta-se seca e peganhenta como o bafo dos cans ao meio-dia.

Há tempo que morreche, aqui.

II

O Futuro doe assim deveriam começar todas essas novelas de aprendizagem, prepararmo-nos para a dor da vertigem.

O silêncio nom te há curar.  
E depois da tempestade precisas de algo que te atravesse umha ideia-amuleto que tire das vísceras, que che recorde como é que segues em movimento.  
Agora só tens medo de nom chegar e o único que te trava é a intuiçom na que se tece o desejo .

A dor da perda sabe distinta através da fiestra vendo passar o que queda às beiras da estrada que te leva. Apertas forte a semente da história que degoiras e conjuras os demos que che metêrom tudo isso na cabeça, para que mirem por ti para que te cuidem e te mimem quando nom haja ninguém.





## LÍNGUA NACIONAL

# Teologia

Valentim R. Fagim

Umha das maiores diferenças entre a sociedade medieval e a moderna tem *aparentemente* que ver com os dogmas de fé. Segundo passamos os séculos, abandonamos a fé e escorregamos para a razão. Hoje, poucas pessoas alardeiam de serem dogmáticas, fica mal.

O que se leva atualmente é o ensaio-erro, experimentamos, primeiro com A, depois com B, se for

preciso com C e escolhemos a solução mais eficaz.

No mundo da esquerda alardeia-se até de umha natureza profundamente científica. Suponho que a maioria das vezes será assim mas nem sempre. Ocorre-me agora o binómio escola/língua. Os dados são os que são e até são muito simpáticos. O ensino público galego obtém pobres resultados entre os seus

utilizadores no que diz respeito de usos e imagem do galego.

Aqui queria ver eu o pessoal do ensaio-erro porque, na verdade, existem outras hipóteses e as hipóteses são a alma da ciência.

Donibane Garazi é um concelho no País-Basco francês de 1.521 habitantes (que nome é muito, seja dito de passagem). Esta pequena povoação do estado jacobino tem

umha *ikastola* (ensino privado) onde estudam cento e vinte crianças e adolescentes. Alguém dirá, claro é que são bascos!, para entrar sem freio no terreno das naturezas essenciais, o *volksgeist* e da Santíssima Trindade. Como

dizia Chomsky, para a TEOLOGIA os dados são irrelevantes.

O que são em Donibane Garazi é sociedade civil que, perante umha carência, em lugar de esperar ou confiar decide... resolver.



## CINEMA PARA PENSAR

# Morrer como um homem

Francesco Traficante

Esta história sobre um homossexual travesti é, ao meu ver, um dos melhores filmes que se têm projetado neste ano no Cineuropa de Compostela. Filme português realizado por João Pedro Rodrigues no ano de 2009, apresenta-nos a vida de Tónia, uma travesti, com umha sensibilidade e respeito para este coletivo tão marginalizado socialmente poucas vezes visto no cinema, onde normalmente se nos apresenta umha imagem mais espectacularizada e tópica. Longe destes apriorismos, olhadas de superioridade ou de crítica rançosa, tudo ao contrário, o realizador soube mostrar-nos umha pessoa com virtudes e defeitos, mesmo contradições que chegarão até ao momento mesmo da sua morte, tal e como nos passa a todas as pessoas. Mas também nos fala de um ser humano, que com todas as dificuldades para desenvolver a sua vida de umha maneira plena, está cheia de amor e disposta a dá-lo a todos aqueles seres que a rodeiam e estão preparados para recebê-lo. Mesmo a sua cadela Agustina e o cam que encontra na rua e que por coerência e de forma simples mas simpática, chama Vadio. Pessoa sempre disposta a ajudar os demais, tem umha relação difícil com o seu moço Rosário, mas apesar de certas brigas, Rosário acabará demonstrando também um profundo amor por Tónia,

amor levado até ao fim. Como contraponto temos a violência continuada do seu filho, quem tanto pela pressão da heteronormatividade social, como por umha homossexualidade não assumida, traduz toda a sua frustração e os preconceitos sociais numha agressividade absoluta para todo o mundo e nomeadamente cara ao pai, chegando mesmo ao assassinio que vemos ao início do filme. Dentro de um tom dramático, não faltam as cenas simpáticas que se revelam na quotidianidade das travestis e as suas conversas, que finalmente são as mesmas que todas as pessoas temos na nossa vida diária. Falamos, portanto, de um humor sempre natural e nunca forçado ao longo do filme.

E o mais importante, logra que o público acabe vendo as travestis como o que são: pessoas que, independentemente da sua opção sexual e da sua escolha genérica, tocou-lhes pertencer a um género social que não coincide com a sua opção pessoal. Por desgraça há ainda muito pessoal que não dá entendido que o único que tentam é viver com normalidade a sua escolha, para o que têm que tomar caminhos que para os intolerantes é degeneração, mas que para as pessoas de bem são apenas vias para lograr superar na realidade esse conflito entre a identidade e o corpo. Umha operação de mudança de sexo é muito cara e é em muitos casos algo peren-



tório conseguir dinheiro para poder pagá-la. Se a isso lhe sumamos a marginalização económica à que as sociedades as submetem, não faz falta pen-

sar muito para se decair dos poucos caminhos que lhes ficam para sobreviverem. E isso não as qualifica moralmente nem bem nem mal: é a mesma reali-

dade. Realidade que o filme logrou transmitir de forma magistral desde a sua singeleza. E mais umha cousinha: um dez pela interpretação dos atores.